

O tempo onde todos os tempos estão
A psique esfacelada da Angola bombardeada

Luiz Felipe de Queiroga Aguiar Leite¹

Jung, em *Presente e futuro* (2013a), se debruça sobre uma preocupação recorrente na história da humanidade: a sobrevivência humana nos tempos de crise. Escrito em 1957, o contexto de Jung é o pós-guerra. Para Jung a sobrevivência humana não pode existir sem um esforço de desenvolvimento da consciência. Esta passa inevitavelmente por um ser que a princípio é desconhecido de si, mas que busca conhecer a *si mesmo*. Eis o caminho orientado pelo *self*. Construção ou catástrofe são os dois resultados possíveis do confronto do homem com o inconsciente.

O que nossa época vê como sombra e inferioridade da psique humana contém mais do que algo puramente negativo. Já o simples fato de que através do autoconhecimento, através da investigação da própria alma, nós nos deparamos com os instintos e seu mundo de imagens, pode constituir um passo no sentido de esclarecer as forças adormecidas de nossa psique que, embora presentes, passam quase despercebidas. Trata-se de possibilidades de intensa dinâmica, e a questão se a irrupção dessas forças e visões a elas relacionadas conduz a uma construção ou catástrofe depende apenas do preparo e da atitude da consciência. (Jung, 2013a, p. 64-65)

Se vivemos no tempo das catástrofes, habitando o seu interior, como diz Seligmann-Silva (2005)²; se a crise é a condição natural dos processos de mudança, ou mesmo a condição natural de nosso próprio desenvolvimento, como encontrar um caminho que contribua, para além de nosso inacabamento ontológico, para a constituição do ser, do indivíduo e da coletividade? Se a humanização não é uma condição inata, mas uma escolha, individual e coletiva, como encontrar o caminho justo na constituição de nós mesmos?

A poesia de Arlindo Barbeitos, objeto deste trabalho, nos impõe um desafio. Barbeitos dirá que “o povo traz a guerra na barriga” (1976, p. 18). A guerra, para o autor, pode ter

¹ Professor do Curso de Letras da Uninassau. Graduado em Letras (UFPE); Mestre em Ciências Sociais (UFBA) e Doutor em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Este trabalho se vincula ao Grupo de Pesquisa DERIVA, da UFPE, onde coordeno uma das Linhas de Pesquisa: Literatura e Psique.

² Segue a citação completa: “Não podemos pensar a humanidade ao longo do século XX como parte de uma sociedade que poderia ser caracterizada, sucessivamente, como pós-massacre dos armênios, pós-Primeira Grande Guerra, pós-Segunda Grande Guerra Mundial, pós-Shoah, pós-Gulag, pós-guerras de descolonização, pós-massacres no Camboja, pós-guerras étnicas na ex-Iugoslávia, pós-massacre dos Tutsis etc. Mas esse prefixo “pós” não deve levar a crer, de jeito nenhum, em algo próximo do conceito de “superação”, ou de “passado, que passou”. Estar no tempo, “pós-catástrofe” significa habitar essas catástrofes (Seligmann-Silva, 2005, p. 63)

aspectos nada guerreiros. Aquele que hoje luta, amanhã arruma a casa, janta, toma café, vive sua vida cotidiana, ao lado da iminência das batalhas. A guerra, diz ainda Barbeitos, “[...] é um todo. É uma centopeia com muitas pernas” (1976, p. 18). Neste sentido, buscamos entender como nas poesias de Barbeitos a guerra está presente em sua ambiguidade.

Para nos debruçarmos sobre essa psique esfacelada, que clama por reconstrução, comentamos inicialmente passagens do prefácio à *Angola, angolê, angolema* (2004), onde Barbeitos responde às indagações de Sá da Costa sobre sua poesia. As marcas da ambiguidade que procuramos problematizar, começam nas próprias palavras do autor.

Num segundo momento, lançamos nosso olhar sobre a obra poética e investigamos a psique esfacelada da Angola bombardeada. Aqui a identidade sofre o revés da guerra dilacerando o *self*. Mas algo sobrevive, como não poderia deixar de ser. E aponta o autoconhecimento e consciência que deve levar à realização do si-mesmo.

Por fim, exploramos brevemente a ambiguidade das imagens poéticas da poesia de Barbeitos. Este último passo é mais difícil. Para explorá-la é preciso uma atitude aberta diante do arquétipo e do símbolo, e das sugestividades, tão à moda oriental, que se encontram na poesia de Barbeitos. O autor afirma a influência da imagética oriental, praticamente desconsiderando a apropriação da estética simbolista deste mesmo substrato cultural do oriente. Por mais que as construções da sugestividade simbolista possam nos ajudar na apreciação da obra, e por mais que os próprios comentários do autor nos remeta a tal tradição, seu vínculo é direto com o oriente, não passa pelos simbolistas franceses. Assim o autor explicita e vale considerar.

Ainda mais difícil é a abordagem arquetípica e simbólica, comumente entendida como reduzida a uma estagnação analítico-interpretativa da voga estruturalista, após a emergência pós-estrutural. É preciso considerar duas falas lúcidas.

Roland Barthes, em *A atividade estruturalista* (2013), dirá que o estruturalismo produz nada mais que um simulacro do objeto. Ele é, portanto, um teos. Sobre simulacro, diz o autor: “[...] a criação ou a reflexão não são aqui “impressão” original do mundo, mas fabricação verdadeira de um mundo que se assemelha ao primeiro, não para copiá-lo, mas para o tornar inteligível” (2013, p. 51).

O objeto da atividade estruturalista é, por fim, não o homem rico de sentidos, mas o homem fabricante de sentidos. O *homo significans* (Barthes, 2013, p. 54-55).

Já Heinrich Zimmer, em *A conquista psicológica do mal*, livro que deixou inacabado devido a sua morte, comentando a leitura que a psicologia faz das imagens simbólicas da tradição folclórica, dirá que a psicologia

[...] traz elementos estruturais vitais antes mergulhados nas trevas. A única dificuldade consiste na impossibilidade de reduzir-se a um sistema confiável a interpretação das formas desveladas. Porque os verdadeiros símbolos contêm algo cuja delimitação é impossível. Sua capacidade de sugerir e transmitir conhecimento é inexaurível. (1988, p. 9)

Eis a dificuldade do analista. O analista da psique revelada pelos sonhos, e o da psique revelada na literatura: estar diante uma matéria sempre imprevisível e espantosa (Zimmer, 1988, p. 9).

Para fazer o mito falar não é necessária uma pergunta, mas um diálogo. Diálogo para o qual a obra sempre está disposta, nem sempre está disposto o homem em busca de fórmulas fixas que facilitem a compreensão ou que revelem o que está oculto. Está aí a dificuldade inicial do nosso desafio. Corre-se o risco de esquecer que re-revelação é também velar de novo.

A guerra sempre esteve aí presente: o compromisso de Barbeitos

Comentamos anteriormente a presença da sugestividade na poesia de Barbeitos. Como dissemos, tal sugestividade desconsidera a apropriação simbolista do oriente, criando um vínculo direto com a imagética da poética oriental. É difícil separar, pois tanto na poesia simbolista, como na poesia de Barbeitos, a sugestão parece vir da mesma linguagem em sua relação com o mundo: “A poesia não deve fazer nada mais que sugerir; ela é um compromisso com a palavra e o silêncio [...]” (Barbeitos, 2004, p. 8). Tal trecho poderia ser facilmente de um poeta simbolista na França no final do século XIX. Mas a relação de Barbeitos é com aquilo ao qual está próximo: “Assim como o camponês aprende a trabalhar a terra, o poeta aprende a trabalhar com a palavra, aprende a não dizer de mais e a não dizer de menos, aprende a sugerir” (Barbeitos, 2004, p.8). Logo se percebe onde ele quer chegar: “[...] não o silêncio de quem não tem nada a dizer, mas o silêncio que é o sumo de muita coisa. Então o poeta traduz. Ele é uma boca, e deve ser a boca daqueles que não têm boca” (Barbeitos, 2004, p.8).

O uso da sugestividade em Barbeitos se distancia da sublimação simbolista e se volta à terra, às necessidades fundamentais do seu povo: a integridade do ser. E a integridade do ser se constrói tanto quanto se busca, se o entendemos pela sugestão do *self*.

É preciso, antes de mais nada, um vínculo com o natural: “Meter-se por Angola adentro não é só meter-se pela paisagem, é meter-se pelos homens adentro, pelos homens que não vivem contra a natureza; por isso esta poesia é também um fazer a natureza falar” (Barbeitos,

2004, p. 8). E não é preciso reafirmar a importância da natureza para o povo africano. Nem precisamos reduzi-la ao essencialismo dos tempos da negritude. Hoje a natureza é identidade, mas também co-participação. E o anúncio do autor, já nos idos de 1975, nos repõe inevitavelmente neste *locus* coletivo que relativiza o domínio do homem sobre o natural.

Reafirmada a voz da natureza é preciso também reafirmar o compromisso da poesia e, por conseguinte, do poeta: “Eu repetiria que poesia, como eu a sinto, é um compromisso com a palavra e com o silêncio. E acrescentaria que é, além disso, um compromisso com os outros homens, mas de modo algum com o explorador” (Barbeitos, 2004, p. 11).

Barbeitos assume a verve combativa que não aceita a falsa conciliação do discurso de poder. O autor se alia à postura pós-colonial que vai de Fanon a Stuart Hall e nega o amainamento freyriano tão utilizado pela máquina colonial portuguesa. Aqui o ato de libertar-se não abre mão de tornar-se, de buscar a si mesmo e o “reapossar-se de si”, frase do autor, se dá pela negação, pela ruptura com o dominador. Esse momento crucial não pode ser antropofágico, pois corre o risco de contaminação do discurso da máquina colonial. É justamente neste aí que a dificuldade maior se insere e desafia o poeta e sua poesia. Pois a guerra está o tempo todo em todo lugar!

Em certa altura, Barbeitos toma uma forma simbólica simples e perigosa: “A guerra como algo de mau, tenebroso, terrível, por outro lado como algo que nos limpa, que nos liberta” (Barbeitos, 2004, p.12). O confronto de morte necessário para libertação quase possui nuances fascistas. É quando se percebe que: “[...] a destruição do inimigo é só um aspecto da guerra, e em meu entender nem sequer o mais importante. A luta está inserida na revolução e da revolução é difícil falar” (Barbeitos, 2004, p. 17).

É nessa revolução, como um todo, que vive o povo angolano, em meio à guerra, que parece nunca acabar, da guerra colonial à guerra civil. Estendamos para além dos idos de 1975, quando o autor escrevia essas palavras. Parece não haver mudança significativa nesse tempo ambíguo em que viver é habitar a catástrofe:

O povo traz a guerra na barriga mas a guerra tem aspectos que não são nada guerreiros. A pessoa que lutou e chorou, pouco depois dançará, capinará, dormirá. O inimigo até talvez esteja perto. Quem o sabe? A guerra pode ser uma esperança de paz. De todos os modos, **a guerra é um todo**. É uma centopeia com muitas pernas. (Barbeitos, 2004, p. 18)

É no meio deste tempo onde todos os tempos estão que se busca construir a si mesmo. “O negro não é um homem” (2008, p. 26), diz Fanon. Sua retórica inicial em *Pele negra, máscaras brancas*, como em grande parte de sua obra, conduz àquilo que não se pode ocultar,

nem aceitar: que o negro dominado quer ser o branco. Sua emancipação passa, portanto, por um reconhecimento de si mesmo, uma busca de um “à sua maneira” de fazer as coisas, maneira que lhe foi, e em grande parte ainda é, negada.

A obra de Barbeitos, como o próprio autor diz, nasce da guerra e da situação colonial. Elas são a barriga onde cresce toda sua poesia. Uma poesia que luta pela autonomia, emancipação e busca da identidade do povo angolano. Uma poesia sugestiva, sutil, cujo diálogo pode levar o analista ao imprevisível e espantoso caminho do *self*.

A psique esfacelada: Guerra e reconstrução: uma escolha ética

Fonseca e Moreira, no *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*, dirão:

Os poemas expressam, pelo esgarçamento semântico e sonoro dos versos, o dilaceramento de Angola, país mutilado pela miséria e pela guerra. A poesia de Barbeitos traz os ecos da guerra. Numa leitura ampliada da idéia de liberdade, as borboletas, metáfora de homens livres, estão circulando “em vão”, já que após a independência Angola experimenta, por mais de duas décadas, “os pesadelos” gerados pela guerra civil. (Fonseca; Moreira, 2023)

borboletas de luz

esvoaçando
de cadáver em cadáver
colhem
o fedor dos mortos em
vão
e
pelos buracos da renda
dos dias
passam álates
do mundo do esquecimento
ao país da indiferença
levando consigo
o pólen fatal
das flores da guerra
borboletas de luz

As autoras fazem referência direta a um poema do livro *Na leveza do luar crescente: Borboletas de luz*³. Perceba-se como a forma retoma o dilaceramento de Angola e de seu povo. Um recurso moderno, sem dúvida, aqui utilizado para representar tal esgarçamento. Se concordamos com as autoras, os homens livres, as borboletas, de fato experimentam o dilaceramento de sua psique, pois com a independência do seu país, a guerra civil que se segue os lançam em mais paisagens de destruição e morte. De cadáver em cadáver o que se

³ Outros poemas analisados neste artigo são de *Angola, angolê, angolema*.

colhe é o fedor que se mantém. Os buracos de balas perpassam os dias nos corpos e nas paredes das construções da cidade. A dor se intensifica quando não há correspondência daquilo que se espera de um país independente, a reunião de uma nação em um povo unido. Uma utopia, sem dúvida, mais do que já questionada, mas utopia, talvez, necessária ao momento de ruptura. No entanto, o que realmente se encontra é a indiferença. E o pólen fatal está impregnado em cada angolando, perpetuando-se nas décadas de guerra civil.

As imagens de dilaceramento continuam. E as referências quase que imediatas do costume são substituídas pela ausência:

árvore sem sombra
mulher sem sexo
vento sem poeira
cão sem rabo

Árvore e mulher: fontes indispensáveis de vida, sem aquilo que melhor lhes caracteriza, que as vivifica: o abrigo e a fecundidade. O vento sem aquilo que o identifica e o liga à terra: a poeira. E o cão sem a parte do seu corpo que lhe permite expressar alegria: o rabo.

Cada vez mais que se adentra na poesia de Barbeitos pode-se encontrar essa psique perdida, sem rumo, sem chão, como que sem terra-mãe. Uma paisagem dilacerada que se liga ao homem e com ele se confunde, bloqueando ou impedindo, quiçá adiando, a consciência, a identidade e o autoconhecimento.

As imagens de ruínas são recorrentes.

em meio das ruínas
das pedrinhas das pedras
uma galinha

uma galinha só

Com a força imagética que lembra o haikai, ruínas, pedrinhas das pedras, como uma visão que intensifica a poeira dos destroços da guerra; e uma galinha, com uma enfática singularidade: uma galinha só. O poema entrega os destroços da guerra diante dos nossos olhos. Pouco se extrai, a não ser a imagem parada, quase uma fotografia do terror que passou e que se mantém.

As imagens com pássaros continuam em meio à paisagem desoladora:

distraída na verdura
a garça branca
repousa sobre uma pata só

apodrecido na morte
o soldado preto
nem pernas tem

A ausência de membros, como se sabe, tornou-se recorrente na paisagem de Angola, geralmente causada por minas terrestres. As crianças são reconhecidas como uma das principais vítimas das minas, principalmente após a independência. Elas são *distraídas e contentes*, para usar um verso de um outro poema do autor.

Obviamente não é só a psique que é esfacelada, os corpos também. Eles são os primeiros afetados. Quantos corpos mortos e esquecidos a guerra deixa de herança? Para quem não passa pela experiência da guerra os números podem significar pouco. Para aqueles que estão de corpo e mente dentro do caos, passando pela experiência, nada é pouco e tudo pode consumir o corpo e a mente ao virar a esquina.

um homem de chuva
jaz morto no chão de folhas podres
talvez só os pássaros
que parecem fazer ninho
nas ruínas das casas de nuvem
possam dar notícia
um homem de chuva
jaz morto no chão de folhas podres

Como então reencontra-se consigo mesmo após o terror? Como não abandonar a si mesmo em meio ao terror?

O inconsciente para Jung é, antes de mais nada, uma força a ser integrada. A individualização, por exemplo, é, em si mesma, um processo, que pode ter seu momento de autoconhecimento reconhecido. Mas um corpo dilacerado está ainda por galgar um longo percurso até chegar ao reconhecimento amadurecido de si. Os sinais estão no caminho, no passado, nas sincronias e nas escolhas de cada ser e da coletividade. Parece-nos que a força ambígua dos poemas de Barbeitos abrem espaço para essa escolha, essa escolha ética. Difícil será mapeá-la aqui, mas o *self* parece exercer sobre o ser uma força de atração que reclama o bom caminho. Essas sutilezas nos desafiam e andamos com elas.

O tempo onde todos os tempos estão

Num belo poema, Barbeitos nos fala de seu sentido de revolução. É quando compreendemos quando o autor diz que a guerra está em todo lugar.

amada
minha amada
a revolução
não é um conto
e
uma borboleta
não é um elefante

como agarrá-lo

devagarinho
o menino ia comendo o peixe frito
assim como quem toca gaita-de-beiço

Enquanto o terror ocorre o menino toca gaita de beiço. Toca devagarinho... O diminutivo é importante, pelo ludismo da arte instável de viver o jogo da vida e pela sua temporalidade estendida, sem pausa ou ponto de chegada definido. A guerra continua e continua enquanto a dita vida normal se segue. É dentro da guerra que o ser continua seu processo de individuação e conquista do *self*.

Em alguns momentos ele pode ser pungente, demonstrando sua força de luta:

oh, monstro enorme
Fecha a nossa boca
o nosso ventre falará
abre o nosso ventre
o nosso ventre falará
rebenta o nosso cu
os nossos dedos falarão
corta os nossos dedos
os nossos ossos falarão

Mas na maior parte do tempo, fala-se por sutilezas. A mesma galinha, a galinha só, é também imagem de renascimento primordial em meio às ruínas. Ela está viva e só como um varão. A garça branca e os pássaros que fazem ninhos nas ruínas parecem sugerir a mesma fonte e ousam não só resistir, mas existir de fato.

A cidade, diz Jung, “é um símbolo materno, uma mulher que abriga em si os habitantes como filhos” (2013b, p. 303). Como uma cidade, um corpo materno, flagelado, dilapidado e dilacerado pode procriar? A fecundidade que aqui busca o *self* é dos filhos exilados. Jung toma um trecho bíblico para falar dessa, assim o dizemos, “fecundidade do exílio”: “Alegra-te estéril, que não dás a luz, / prorrompe em gritos / tu que não conheces as dores do parto / porque mais numerosos serão / os filhos da abandonada / dos que os da que tem marido” (Gálatas 4:27 *apud* Jung, 2013c, p. 253).

É vasta a temática do exílio e proeminente em nossos estudos. De Adorno, passando por Julia Kristeva a Edward Said, o exilado cria algo novo a partir de sua ruptura com o estabelecido. Seu caminho cruento possibilita novas formas de se pôr no mundo. E se sua prole é numerosa mais que a prole advinda do matrimônio oficial do estado. Seus filhos são filhos da possibilidade, por isso “substância de transmutação”, “portadores da cura” (Jung, 2014, p. 173). A criança, portanto,

É a personificação de forças vitais que vão além do alcance limitado da nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. (Jung, 2014, p. 172)

Não é possível a realização sem o mergulho profundo na natureza, ou na sombra. É de lá que emergem as potencialidades do ser. O dilaceramento de Angola e seus filhos é também oportunidade de mais ser. Limpeza e cura, diria Barbeitos. As formas ambíguas de suas poesias clamam a este ser o encontro prometido. Nada mais que um encontro consigo mesmo. Indivíduo e coletividade a caminho da reconstrução. O que se tornarão? Não se pode saber. O que cada “borboleta de luz” carrega é uma memória dilacerante, mas também possibilidade de ser. Se o ser se decide apenas por regras morais temporais, o que se pode esperar dele mesmo? De sua própria constituição? Apenas o que já se conhece. Mas se o ser decide, escolhe, movido por sua força interior um outro movimento se encontra com o espanto, com a imprevisibilidade. Como aquele que se espanta diante da visão de um Deus, como Arjuna diante da epifania de Krisnha, diz Octavio Paz (2012, p. 137), o sagrado toma a sua frente. Se o sagrado primordial, como queira Jung, sendo ele mesmo uma criação humana, se presentifica em cada um de nós, ao mergulharmos nessa fonte profunda que é o inconsciente, saímos dela preenchidos de orientação. Cabe a cada um fazer sua escolha.

REFERÊNCIAS

BARBEITOS, Arlindo. **Angola, angolê, angolema**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1976.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborada. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446>. Acesso em: 2023.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro: civilização em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos do inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ZIMMER, Heinrich. **A conquista psicológica do mal**. São Paulo: Palas Athena, 1988.